



Ed. 9 | MARÇO/2022





INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC

Ed. 9 | MARÇO/2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Biblioteca da EDITORA INTEGRALIZE, (SC) Brasil

International Integralize Scientific. 9ª ed. Março/2022. Florianópolis - SC

Periodicidade Mensal

Texto predominantemente em português, parcialmente em inglês e espanhol.

ISSN/2675-5203

1 - Ciências da Administração

2 - Ciências Biológicas

3 - Ciências da Saúde

4 - Ciências Exatas e da Terra

5 - Ciências Humanas/ Educação

6 - Ciências Sociais Aplicadas

8 – Ciências Jurídicas

7 - Linguística, Letras e Arte

9 – Tecnologia

10 – Ciências da Religião /Teologia

**Dados Internacionais de
Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da Editora Integralize - SC – Brasil**

Revista Científica da EDITORA INTEGRALIZE- Ed.9, n.01,
Março/2022. Florianópolis-SC

PERIODICIDADE MENSAL

Texto predominantemente em Português,
parcialmente em inglês e espanhol.

ISSN/2675-5203

1. Ciências da Administração
2. Ciências Biológicas
3. Ciências da Saúde
4. Ciências Exatas e da Terra
5. Ciências Humanas / Educação
6. Ciências Sociais Aplicadas
7. Ciências Jurídicas
8. Linguística, Letras e Arte
9. Tecnologia
10. Ciências da Religião / Teologia

EXPEDIENTE

INTERNATIONAL INTEGRALIZE SCIENTIFIC

ISSN/2675-5203

É uma publicação mensal, editada pela
EDITORIA NTEGRALIZE | Florianópolis - SC

Florianópolis-SC

Rodovia SC 401, Bairro Saco Grande, CEP 88032-005.

Contato: (48) 99175-3510

<https://www.integralize.online>

Diretor Geral

Luan Trindade

Editora-Chefe

Vanessa Sales

Diretor Financeiro

Bruno Garcia Gonçalves

Editor

Dr. Diogo de Souza dos Santos

Diretora Administrativa

Vanessa Sales

Bibliotecária

Rosangela da Silva Santos Soares

Diagramação

Balbino Júnior

Revisores

Francisco Rogério Gomes da Silva

Conselho Editorial

Marcos Ferreira

Rosangela da Silva Santos Soares

Permitida a reprodução de pequenas partes dos artigos, desde que citada a fonte.



**INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC**

***INTERNATIONAL INTEGRALIZE SCIENTIFIC
ISSN / 2675-5203***

É uma publicação mensal editada pela
EDITORA INTEGRALIZE.

Florianópolis – SC
Rodovia SC 401, 4150, bairro Saco Grande, CEP 88032-005
Contato (48) 4042 1042
<https://www.integralize.online/acervodigital>

EDITORA-CHEFE

Dra. Vanessa Sales

Os conceitos emitidos nos artigos são de
responsabilidade exclusiva de seus Autores.



INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC

Ed. 9 | MARÇO/2022



CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

SOCIAL SCIENCES
APPLIED

INTERNATIONAL INTEGRALIZE SCIENTIFIC
ISSN/2675-520

SUMÁRIO – CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

RELAÇÃO ENTRE SERVIÇO SOCIAL E PACIENTE RENAL CRÔNICO - Autora: Maria Cristina Antunes Martins.....08

RELATIONSHIP BETWEEN SOCIAL SERVICE AND CHRONIC KIDNEY PATIENT

RELACIÓN ENTRE EL SERVICIO SOCIAL Y EL PACIENTE RENAL CRÓNICO

O LEGADO FENÍCIO NA PRODUÇÃO DA CERÂMICA TARTESSA - Autor: Matheus Donizete Lima20

THE PHENICIAN LEGACY IN THE PRODUCTION OF CER MICA TARTESSA

EL LEGADO FÉNICO EN LA PRODUCCIÓN DE CER MICA TARTESSA

DESVENDANDO OS MISTÉRIOS DA ARQUITETURA TARTESSA- Autor: Matheus Donizete Lima.....31

UNLOCKING THE MYSTERIES OF TARTESSA ARCHITECTURE

DESBLOQUEANDO LOS MISTERIOS DE LA ARQUITECTURA DE TARTESSA

RELAÇÃO ENTRE SERVIÇO SOCIAL E PACIENTE RENAL CRÔNICO
RELATIONSHIP BETWEEN SOCIAL SERVICE AND CHRONIC KIDNEY PATIENT
RELACIÓN ENTRE EL SERVICIO SOCIAL Y EL PACIENTE RENAL CRÓNICO

Maria Cristina Antunes Martins

MARTINS, Maria Cristina Antunes **Relação entre serviço social e paciente renal crônico**. Revista International Integralize Scientific. Ed. 09, n.1, p. 08-19, março/2022, ISSN/2675-5203.

RESUMO

O tratamento de hemodiálise, realizado por doentes renais crônicos, é uma enfermidade que provoca desgaste e causa impactos psicológicos e sociais na vida do paciente. Este trabalho tem como finalidade analisar o significado que o paciente atribui a seu tratamento, conhecer as limitações de âmbito psicossocial experimentadas pelo doente renal em hemodiálise, os impactos causados ao enfermo e sua família, o trabalho da equipe multidisciplinar, a relação do serviço social com o paciente renal crônico e a importância da convivência do assistente social no cotidiano do paciente na clínica. A revisão de literatura reforça o que se vivencia na clínica. O estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória. Os sujeitos participantes do trabalho são três pacientes portadores de doença renal crônica (**DRC**) de ambos os sexos, que realizam hemodiálise de dois a cinco anos na Clínica Renal do município de Uruguaiana. A coleta de informações ocorreu através de entrevista semiestruturada. A análise de informações obtidas confirma a vulnerabilidade dos pacientes quanto à garantia de seus direitos.

Palavras-chave: Serviço Social. Paciente Renal Crônico.

ABSTRACT

Hemodialysis treatment, performed by chronic kidney patients, is a disease that causes wear and causes psychological and social impacts on the patient's life. The purpose of this work is to analyze the meaning that the patient attributes to his treatment, to know the psychosocial limitations experienced by the renal patient on hemodialysis, the impacts caused to the patient and his family, the work of the multidisciplinary team, the relationship of the social service with the chronic renal patient and the importance of the social worker's coexistence in the daily life of the patient in the clinic. The literature review reinforces what is experienced in the clinic. The study is qualitative, descriptive and exploratory research. The subjects participating in the work are three patients with chronic kidney disease (CKD) of both sexes, who undergo hemodialysis for two to five years at the Renal Clinic in the city of Uruguaiana. The collection of information took place through a semi-structured interview. The analysis of information obtained confirms the vulnerability of patients in terms of guaranteeing their rights.

Keywords: Social Work. Chronic Kidney Patient.

ABSTRACTO

El tratamiento de hemodiálisis, realizado por pacientes renales crónicos, es una enfermedad que provoca desgaste y provoca impactos psicológicos y sociales en la vida del paciente. El propósito de este trabajo es analizar el significado que el paciente le atribuye a su tratamiento, conocer las limitaciones psicosociales que vive el paciente renal en hemodiálisis, los impactos que provoca al paciente y su familia, el trabajo del equipo multidisciplinario, la relación del servicio social con el enfermo renal crónico y la importancia de la convivencia del trabajador social en el día a día del enfermo en la consulta. La revisión de la literatura refuerza lo vivido en la clínica. El estudio es una investigación cualitativa, descriptiva y exploratoria. Los sujetos que participan en el trabajo son tres pacientes con enfermedad renal crónica (ERC) de ambos sexos, que se someten a hemodiálisis durante dos a cinco años en la Clínica Renal de la ciudad de Uruguaiana. La recolección de información se llevó a cabo a través de una entrevista semiestructurada. El análisis de la información obtenida confirma la vulnerabilidad de los pacientes en cuanto a la garantía de sus derechos.

Palabras clave: Trabajo Social. Paciente Renal Crónico.

INTRODUÇÃO

No primeiro capítulo deste trabalho abordar-se-á um pequeno relato da história da hemodiálise, suas experiências, seu surgimento no Brasil. Na sequência será apresentado o conceito de “hemodiálise”, de doença renal crônica (**DRC**) e o que é um transplante.

O objeto de estudo do presente artigo tem como tema “Relação entre serviço social e paciente renal crônico”.

Após situações vivenciadas na Clínica Renal da cidade de Uruguaiana – RS, durante o período de estágio obrigatório do curso de Serviço Social, foi possível conhecer o cotidiano do ator envolvido, adequando-se às condições presentes, criando-se meios e condições sob a realidade existente para o alcance da finalidade deste trabalho. O público-alvo desta pesquisa são pessoas de ambos os sexos em tratamento de hemodiálise. O objetivo deste estudo é levar orientação ao paciente e seus familiares sobre a nova realidade que se apresenta em suas vidas: os impactos psicológicos da doença e o tratamento que gera desgaste emocional a todos os envolvidos. Intervenção no tratamento: da família; da equipe multiprofissional, e a importância do serviço social no nosocômio e qual sua atribuição na defesa dos direitos dos pacientes renais crônicos.

A contribuição deste estudo faz-se por meio de instrumentos técnico-operativos, teórico- metodológico e ético-político empregado de acordo com o código de ética do assistente social que são mecanismos de informações, encaminhamentos e acompanhamentos aos pacientes no que tange à garantia de seus direitos e deveres. O estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória. A população do estudo constitui-se de três pacientes renais crônicos de ambos os sexos submetidos a tratamento de hemodiálise de dois a cinco anos na Clínica Renal da cidade de Uruguaiana - Rs.

UM BREVE RELATO DA HEMODIÁLISE

A hemodiálise teve seu início no ano de 1830 quando o físico inglês Thomas Graham, verificou que, separando dois líquidos com substâncias dissolvidas numa membrana celulósica, estabelecia troca entre elas. Foi através dessa experiência que surgiu o nome "diálise". Na América, no ano de 1913, John Abel idealizou e realizou o primeiro "rim artificial", e essa experiência foi aplicada nos cães sem rins.

Em 1917, durante a Primeira Guerra Mundial, devido à terrível visão de doentes em uremia pela insuficiência renal aguda, o alemão Georg Haas veio a mudar o protótipo do "rim artificial" de seu colega John Abel. Haas aumentou a área das membranas, conseguindo assim esterilizar todos os componentes do circuito extracorporeal com etanol. Enfim, em 1926, aventurou-se a utilizar a diálise pela primeira vez no ser humano. Em meados de 1936, houve uma melhoria da diálise. Nesse mesmo ano foi possível aplicar a técnica a um ser humano com alguma segurança. Durante a Segunda Guerra Mundial (1940), o holandês Kolff (considerado por alguns “o pai da hemodiálise”) criou um "rim artificial". Três anos depois, Kolff utilizou pela primeira vez esse rim artificial numa pessoa com insuficiência renal aguda. Esse método de diálise foi igual ao que fez inicialmente Georg Haas: 0,5 l de sangue do doente que circulava no dito "rim artificial" e em seguida eram confundidos novamente. O ano de 1945 marcou a sobrevivência do primeiro paciente com rim artificial de Kolff, com uma insuficiência renal aguda. Tal sessão de hemodiálise durou 11 horas e o paciente recuperou posteriormente a sua função renal. Em meados dos anos 1950, a hemodiálise ainda era considerada experimental e feita em meia dúzia de hospitais, com resultados duvidosos. Foi só em 1960 que o primeiro doente com insuficiência renal crônica começou a ser tratado por hemodiálise regular duas

vezes por semana. Já nos dias de hoje o paciente se submete à hemodiálise três vezes por semana, por quatro horas diárias.

No Brasil o processo de hemodiálise teve início em 1949 por intermédio do Dr. Tito. Em 1966, criou-se a fístula arteriovenosa interna. A partir de então, os conhecimentos e a evolução tecnológica têm sofrido um espantoso desenvolvimento como a descoberta do catéter e de outros procedimentos.

O QUE É HEMODIÁLISE

Quanto à hemodiálise, pode-se dizer que o sentido da palavra revela a purificação do sangue, objeto deste estudo. Trata-se de um processo extracorpóreo de depuração do sangue, mediado pela membrana de um dialisador” (BARROS; MANFRO; THOMÉ, 2006, p. 528). É, portanto, uma técnica utilizada para retirada das impurezas do sangue quando os rins perdem sua função. Esse procedimento baseia-se na filtração do sangue através de uma máquina dialisadora. Para que o líquido passe pela máquina é necessário a colocação de um catéter ou a confecção de uma fístula.

A hemodiálise é uma alternativa para quem sofre de insuficiência renal crônica e que perdeu a atividade do órgão responsável por regular a pressão arterial e controlar a quantidade de água e sal do corpo. Esse processo acontece quando são colocadas duas agulhas em que uma puxa o sangue e leva até um capilar eliminando as substâncias tóxicas que estão no sangue. Depois, o sangue volta ao paciente pela outra via.

Nesse processo de hemodiálise, o sangue que está com as toxinas é desviado do paciente para o dialisador onde o sangue vai ser filtrado e devolvido ao indivíduo. Segundo Smeltzer et al. (2009), difusão, osmose e ultrafiltração são os princípios nos quais se baseia a hemodiálise.

DOENÇAS RENAIS CRÔNICAS

A doença renal crônica (DRC) caracteriza-se pela perda irreversível da função dos rins, causada por algum tipo de lesão.

Quando o rim perde a capacidade de realizar suas funções, tem-se o início da **DRC**. Esta se refere a um diagnóstico sindrômico no qual ocorre perda progressiva e irreversível da função renal de depuração, ou seja, da filtração glomerular (BARROS et al, 2006).

A **DRC** trata-se de uma lesão presente por um período igual ou superior a três meses que se manifesta por anormalidades estruturais e funcionais dos rins, sendo assintomática nas suas fases iniciais (BASTOS et al, 2004).

TRANSPLANTE

O transplante é a substituição dos rins doentes por um rim saudável de um doador. Constitui o método mais efetivo e de menor custo para a reabilitação de um paciente com insuficiência renal crônica. Todo o paciente renal crônico pode se submeter a um transplante desde que apresente algumas condições clínicas, como suportar uma cirurgia com duração de quatro a seis horas; não ter lesões em outros órgãos que impeçam o transplante, como cirrose, câncer ou acidentes vasculares; não apresentar infecção ou focos ativos na urina, nos dentes,

tuberculose ou fungos; e não ter problemas imunológicos adquiridos por muitas transfusões ou várias gestações. Além disso, o transplante pode ser de doador vivo ou de cadáver.

Os gastos de um transplante são mínimos em relação a anos de tratamento dialítico. Segundo Bennett-Jones (2000), o transplante traz resultados positivos em relação à sobrevivência dos pacientes renais, e a maioria dos indivíduos que se submetem ao transplante possuem uma vida normal.

OS IMPACTOS PSICOLÓGICOS DA DOENÇA E DO TRATAMENTO SOBRE O PACIENTE

O primeiro impacto da doença vem com o diagnóstico que muda radicalmente sua vida. Tal choque emocional afeta os aspectos social, econômico e até mesmo o estético que, até então, para ele era extremamente importante. Essa revelação causa danos psicológicos no paciente renal, em sua família e, de certa forma, atinge todos os envolvidos, pois é uma doença que destrói lentamente a todos. Além disso, surgem vários conflitos nos relacionamentos dos doentes que se dão em vários níveis: com a equipe do serviço de nefrologia, com a família, com o cônjuge e com seus amigos.

Para Busato (1976), quando a doença renal crônica final é descoberta abruptamente, tanto o paciente como a família sofrem profunda depressão e decepção necessitando algum tempo para serem superadas. Os pacientes renais crônicos, até atingirem a fase final, passam por um período mais ou menos longo de evolução, dependendo da etiologia da doença.

Segundo Busatto (1976), o paciente com IRC passa por diversas fases: em um primeiro momento, ele se encontra em estado de alerta, tenso, agitado e na expectativa de que algo está para acontecer, o que lhe ocasiona um desgaste físico e emocional muito grande.

Em seguida vem à fase de alerta e de adaptação aparente. O paciente não aceita a doença e o tratamento, mas demonstra calma, tranquilidade e não se apavora diante das situações emergenciais. Realiza o tratamento normalmente, cumpre o seu horário e segue à risca as orientações médicas. Os dias que se passam são rotina em sua vida.

Num terceiro momento, quando suas defesas estão baixas, há mudanças no comportamento: o paciente tem atitudes inesperadas, começa a violar a dieta, faltar às sessões de hemodiálise e ter atritos nas relações e, na sequência, ainda surge a depressão agravando seu quadro clínico. É nesse momento que ainda há o afastamento de pessoas próximas com vínculos efetivos. A consequência disso tudo será um atraso em seu tratamento.

Meletti (2003) cita que as hipóteses levantadas com relação a essas disfunções abarcam não só a enfermidade física, como também as razões psicológicas – como sentimento de dependência real do procedimento da hemodiálise, a impotência perante ele mesmo e os outros, na medida em que, em muitos casos, há a inversão de papéis na família, quando, diante das necessidades financeiras, cabe ao cônjuge sair para trabalhar fora de casa, restando ao paciente algumas atividades domésticas; além da depressão, que tem concomitantes físicos que incluem o estresse e a capacidade sexual diminuída.

Meletti (2003) relata também a perda da independência e da liberdade dos pacientes em função do tratamento e das intercorrências, que, muitas vezes, os confinam em casa ou no hospital, acamados.

A INTERVENÇÃO NO TRATAMENTO

Da Família

A presença da família no processo de adoecer serve como suporte para a nova etapa de sua vida, uma vez que esse apoio pode ajudar na aceitação do tratamento. A presença de familiares e amigos junto ao paciente proporciona força e coragem para continuar a lutar contra os medos e os sofrimentos inerentes à sua situação. O apoio incondicional de pessoas queridas que convivam no seu dia a dia é de extrema importância no momento de ansiedade, angústia e fragilidade em que o doente se encontra.

Em relação ao apoio da família do paciente renal crônico, Dyniewicz, Zanella e Kobus (2004, p. 199 – 212), ao citarem Silva et al. (2002, p. 566), descrevem que a avaliação de uma pessoa em relação à sua qualidade de vida está muito relacionada ao apoio que recebe da família, e que este fato a faz sentir melhor. Consideram que a “doença, de certa forma, também é da família e, quando os familiares estão presentes, dando apoio constante, a dor do doente renal crônico é compartilhada, diluída”.

Também é importante a família estar atenta quanto aos cuidados com a dieta e com a administração dos medicamentos. Isso irá produzir uma resposta positiva ao tratamento e ao bem-estar do paciente.

Da Equipe Multidisciplinar

O trabalho da equipe multidisciplinar é importante para que o doente alcance uma boa qualidade de vida e possa viver longos anos. Quando um paciente começa a fazer hemodiálise, geralmente tem de interromper suas atividades profissionais. Tal situação gera um problema muito importante dentro da família. Assim, uma das grandes preocupações da equipe multidisciplinar é integrar a família no tratamento do paciente para amenizar os impactos citados acima.

O termo equipe multiprofissional refere-se a um grupo de especialistas que atua de forma independente em um mesmo local de trabalho. Especificamente na área da saúde, esses especialistas atuam de forma interdependente, buscando resultados por meio da somatória de conhecimentos específicos, experiências e estudos que focalizem a qualidade de vida dos pacientes (DINIZ; CARVALHAES, 2002).

Nas clínicas de hemodiálise trabalha-se com a interdisciplinaridade, pois se agrega não só o trabalho de nutricionista, psicóloga, enfermeiras e médicos, mas também o de assistente social.

O papel da equipe multiprofissional, como um todo, segundo Silva e Silva (2003), é buscar o mais alto bem-estar para o paciente, dentro de suas possibilidades,

respeitando sua individualidade e opções, buscando assisti-lo como um todo, holisticamente, dentro do complexo biopsicossocial, tendo em mente que, em diálise peritoneal ambulatorial contínua (DPAC), o principal responsável pelo sucesso do tratamento será o próprio paciente.

DO SERVIÇO SOCIAL COM O PACIENTE RENAL CRÔNICO

O assistente social que atua em uma clínica de hemodiálise tem como objetivo uma ação interventiva com compromisso ético-político, teórico-metodológico e técnico-operativo do Serviço Social. A ação profissional é permeada pelo atendimento integral ao paciente portador de insuficiência renal crônica em programa de hemodiálise, visando à garantia da melhoria da qualidade de vida do paciente.

A ação profissional é definida por Nogueira e Mito (2006, p.9) como.

Conjunto de procedimentos, atos, atividades pertinentes a uma determinada profissão e realizadas por sujeitos/profissionais de forma responsável e consciente. Contém tanto a dimensão operativa quanto uma dimensão ética, e expressa no momento em que se realiza o processo de apropriação que os profissionais fazem dos fundamentos teórico-metodológico e ético-político da profissão em determinado momento histórico.

Essa prática se constitui no acolhimento do paciente com insuficiência renal crônica e seus familiares frente ao contexto da situação doença como processo social, no acompanhamento a fim de enfrentar esse processo de mudança da realidade na qual se insere e na viabilidade de ampliação de seus direitos e efetivação da cidadania.

O assistente social em uma clínica de hemodiálise tem como atribuição desenvolver atividades junto aos pacientes diante de várias perspectivas, problemas ou dificuldades apresentadas, na área das necessidades humanas e sociais, tais como repassar à equipe de trabalho os aspectos sociais do paciente para haver melhor condução nas intervenções profissionais; elaborar o perfil socioeconômico do paciente com insuficiência renal crônica (**IRC**); escutar suas queixas; realizar visitas domiciliares e encaminhar o paciente para serviços em rede.

O trabalho do assistente social tem necessidade de desenvolver estratégias com ações que favoreçam e priorizem o enfoque individual e coletivo e que diminuam a morbidade e a mortalidade pela doença renal crônica (**IRC**). Faz-se necessário refletir sobre estratégias que contribuam para maior efetividade do tratamento, bem como descrever propostas de intervenção baseadas numa relação de proximidade e respeito entre a equipe de saúde e o paciente, de forma a torná-lo capaz de compreender a sua condição de saúde e de se responsabilizar por seu cuidado. Em última instância, pretende-se alcançar uma mudança de comportamento e, conseqüentemente, maior efetividade do tratamento.

Ainda para (Nogueira e Mito, 2006), os processos de Planejamento e Gestão estão vinculados a um conjunto de ações profissionais que no âmbito das instituições e serviços se voltam para o planejamento e a gestão dos mesmos, da informação, organização e gerenciamento de programas e projetos.

Através de um protocolo de avaliação, o profissional tem por finalidade conhecer o paciente, avaliar suas necessidades, orientar, esclarecer, informar e sanar dúvidas frequentes sobre a doença, o tratamento e os direitos que lhe são assegurados por lei.

O SERVIÇO SOCIAL NA DEFESA DOS DIREITOS DOS PACIENTES RENAI CRÔNICOS.

O serviço social tem um compromisso ético-político com os pacientes renais crônicos, com o intuito de contribuir para o bem-estar social do doente, proporcionar condições favoráveis ao tratamento, informar sobre seus direitos, realizar estudo social e encaminhamentos de acordo com a cartilha de direitos dos pacientes renais crônicos.

A ação profissional do assistente social junto aos portadores de insuficiência renal se configura, portanto, como uma ação importante por analisar os aspectos sociais, econômicos e culturais relacionados ao processo saúde x doença, buscando formas de enfrentamento individual e coletivo, objetivando trabalhar as relações sociais sub-bases democráticas, em que fluam informações, conhecimentos e experiências necessárias à busca da realização dos direitos sociais (PALHETA, 2001).

Assim, no âmbito da saúde, tendo em vista a operacionalização do trabalho e a efetivação do projeto ético-político profissional, o assistente social desenvolve seus processos de trabalho mediando o acesso e a garantia das condições necessárias ao alcance da saúde individual e coletiva, bem como aos bens e serviços indispensáveis para a sua materialização e dos demais direitos sociais.

A saúde emerge como direito universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação, com responsabilidade atribuída ao Estado e devendo ser garantida mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos (CAMARGO; MACIEL, 2008).

Cabe salientar que o assistente social tem um papel essencial na conscientização dos pacientes renais de seus direitos sociais, como também na luta pela efetivação dos mesmos, através do apoio e engajamento a entidades e associações que defendem coletivamente os direitos e interesses dos portadores de doença renal e seus familiares, tendo em vista o que destaca (Vasconcelos, 1994; apud Vieira, 2006, p. 13):

O assistente social, na sua prática profissional, se depara com uma população desinformada a respeito de seus direitos sociais. Essa desinformação contribui para que os usuários sejam utilizados pelas instituições e não as utilizem enquanto direito social, impedidos, então, de ampliar, consolidar e exercitar sua cidadania.

Como um bom ouvinte, e através da técnica de observação, o assistente social toma conhecimento dos problemas enfrentados pelos pacientes e seus familiares, buscando recursos para que os pacientes obtenham acesso aos direitos sociais: benefício de prestação continuada (BPC), auxílio-doença para os que contribuem com o Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS), transporte especial, resgate do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) para

quem se enquadra no perfil do benefício, isenção de Imposto de Produto Industrializado (IPI) e isenção do Imposto de Renda (IR), entre outros. O acompanhamento social também estimula os pacientes a não abandonarem os seus tratamentos de saúde.

REVISÃO DE LITERATURA

Quanto à hemodiálise, pode-se dizer que o sentido da palavra revela a purificação do sangue, objeto deste estudo. Trata-se de um processo extracorpóreo de depuração do sangue, mediado pela membrana de um dialisador” (BARROS; MANFRO; THOMÉ, 2006, p. 528). A hemodiálise é o método de diálise mais comum, oferecendo uma alteração mais rápida na composição plasmática e de remoção do excesso de líquido corporal. É utilizado por pacientes que estão agudamente doentes e que necessitam de diálise por curto período de tempo, bem como para pacientes que necessitam de um tratamento em longo prazo ou permanente. Os pacientes hemodialisados devem se submeter ao tratamento três vezes por semana, com quatro horas de duração cada sessão. Em cada sessão de hemodiálise, o paciente deverá atingir o peso seco, sendo esse o peso ideal do paciente. (DAUGIRDAS, 2003; THOMAS, 2005).

A hemodiálise pode prolongar a vida do paciente, entretanto ela não altera a evolução natural da doença renal subjacente nem substitui por completo a função renal. (SMELTZER, 2002). A insuficiência renal crônica (**IRC**) é uma doença que acomete os rins, prejudicando suas funções, entre elas a de excreção. A excreção está intimamente ligada aos aspectos qualitativos e quantitativos do que é ingerido ou administrado com produtos derivados do catabolismo ou transformações metabólicas. Os sintomas não são usualmente aparentes ou observados até que a doença renal progrida significativamente e a capacidade dos rins esteja reduzida a 25% do normal. Quando essa capacidade estiver reduzida a menos de 15%, está caracterizada a insuficiência renal crônica, que é uma condição frequentemente irreversível (CARVALHO et al., 1992; DAUGIRDAS, 2003).

Quando ocorre a possibilidade de um transplante também é considerado um tratamento. Os gastos de um transplante são mínimos em relação a anos de tratamento dialítico.

Segundo Bennett-Jones (2000), o transplante traz resultados positivos em relação à sobrevida dos pacientes renais, ou seja, a maioria dos indivíduos que se submetem ao transplante possuem uma vida normal.

Além disso, há também o impacto psicológico que o tratamento impõe como a perda da individualidade, mudanças na imagem corporal, diminuição ou perda da autoestima e sentimento de menos valia. O impacto social inclui mudanças substanciais nas relações familiares e de amigos como também no trabalho. Com grande frequência os quadros de depressão estão presentes nesse contexto (LAZARETTI, 2002; ALMEIDA, 2003; HSIEH et al., 2007; ARENAS et al., 2007).

Thomas (2005), Menezes (2007) e Quintana (2006) asseguram que se faz importante que o paciente não perca o contato com seu meio social, amigos e familiares, pois estes fazem parte do pilar do paciente e o auxiliam na adesão ao tratamento. Os familiares se tornam intermediários entre a equipe médica e o paciente, afirmam Cesarino (1998) e Resende (2007).

Rudnicki (2006) e Otero (1990) ressaltam que, quando se trabalha com pacientes renais em uma equipe multidisciplinar, é preciso verificar os aspectos emocionais e sociais, juntamente com o auxílio do processo saúde/doença e na adequação de sua nova vida. Podem-se estabelecer benefícios como redução do número de hospitalizações, melhores níveis de hipertensão arterial, melhor controle dos distúrbios metabólicos e da anemia, finalizando com um melhor preparo psicológico para o processo do tratamento da **DRC**.

O trabalho do assistente social nos diversos espaços em que atua é sem dúvida um desafio posto à categoria, principalmente no que diz respeito à garantia dos direitos dos usuários. De acordo com Silva (2000), as transformações ocorridas na contemporaneidade, impostas pelo modelo econômico vigente – o capitalismo –, exige o redimensionamento das funções do assistente social como também uma maior qualificação para o exercício da profissão.

MATERIAIS E MÉTODOS

Os sujeitos participantes do trabalho foram três pacientes portadores de doença renal crônica (**DRC**) de ambos os sexos, que realizam hemodiálise de dois a cinco anos na Clínica Renal do município de Uruguaiana/RS. A coleta de informações ocorreu através de entrevista semiestruturada. A análise de informações obtidas confirmou a vulnerabilidade dos pacientes quanto à garantia dos direitos.

O questionário, segundo Cervo e Bervian (2002), é a forma mais usada para coletar dados, pois possibilita medir com melhor exatidão o que se deseja por meio das respostas às questões em que o próprio informante preenche, devendo ter a natureza impessoal, ser limitado em sua extensão e finalidade.

GRÁFICO

PACIENTE 1	SEXO M	IDADE 69	ESCOLARIDADE E.F.INCOMPLETO	OCUPAÇÃO APOSENTADO	TEMPO DE TRATAMENTO 05 ANOS
PACIENTE 2	M	51	ANALFABETO	APOSENTADO	02 ANOS E 8 MESES
PACIENTE 3	F	54	E.F.INCOMPLETO	APOSENTADA	04 ANOS

Legenda: M – masculino F- feminino

Fonte: Dados da pesquisa

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi realizada a caracterização dos participantes da pesquisa quanto a sexo, idade, escolaridade, ocupação de tempo de descobrimento da doença renal crônica (**DRC**) e tempo de tratamento de hemodiálise. Foram três participantes da pesquisa, cuja faixa de idade era entre 51 e 69 anos. Todos têm um grau de escolaridade baixo, somente um dos participantes é do sexo feminino, todos eles têm renda, aposentadoria ou BPC, e o tempo de hemodiálise varia entre dois a cinco anos.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

As suas atividades cotidianas e de sua família sofreram alterações devido ao tratamento?

P1 – Mudou muita coisa na minha vida: a rotina, alimentação também me sinto cansada, minha vida pessoal também mudou, tenho o apoio da minha mãe e irmã, mas o meu marido me abandonou e moro sozinha com meu filho.

P2 – Eu era um homem trabalhador, chefe de família que gostava de comer bem e passear com a família, hoje eu passo 4 horas nesta cadeira, três dias por semana, tenho que comer e beber controladamente.

P3 - Eu já era um homem aposentado quando tudo aconteceu, depois de anos trabalhando achei que iria aproveitar minhas férias merecidas. Mas da noite para o dia venho (*sic*) a notícia que eu precisava fazer hemodiálise. Minha vida mudou. Se beber muita água, eu incho e o meu peso aumenta de dois a três quilos. Alguns alimentos também são proibidos por causa do potássio.

O que você acha do profissional de serviço social diariamente na clínica?

P1- Ótimo, eu iria ter com quem conversar e o tempo passaria mais rápido, além de ter alguém para me orientar sobre os meus direitos.

P2- Muito importante ter alguém para nos dar informação.

P3- Seria muito bom ter alguém para nos dar apoio, escutar e dar informações e orientações quando necessário.

A informação dos seus direitos como paciente em tratamento de hemodiálise foi comunicada de forma clara?

P1- Alguma coisa eles informam, por exemplo, o vale-transporte, sobre alguns limites que a doença impõe.

P2- Os médicos e enfermeiros nos passam informações, mas alguma coisa sempre fica faltando.

P3- Muita coisa nem sabia que tinha direitos.

PARECER DO GRUPO REFERENTE À ENTREVISTA REALIZADA

Ficou evidente, através da pesquisa e da convivência durante o estágio com os pacientes renal crônico e seus familiares, que eles desconhecem os recursos disponíveis, ou seja, não têm as devidas informações sobre o acesso aos direitos sociais e públicos.

É de extrema importância a presença de um profissional da área do serviço social na clínica, para orientar os usuários a conviver com a nova realidade a ele imposta mediante situação existencial, informá-los sobre os direitos fundamentais assegurados por lei, contribuir para o bem-estar social do paciente e seus familiares e facilitar o acesso do usuário ao serviço em rede.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da realização de estudos e pesquisas, considerou-se que a hemodiálise ocasiona mudanças no estilo de vida e causa alterações corporais e comportamentais nos doentes renais crônicos (**DRC**). Vale destacar que, apesar da presença de revolta, o indivíduo em tratamento hemodialítico não pode abandonar a luta e a busca por melhor condição de vida, pois a hemodiálise é uma opção de sobrevivência, uma oportunidade de continuar a vida e de adquirir possibilidades de realização de um futuro transplante renal.

Conclui-se que a relação do assistente social com o paciente renal crônico representa um consultor de recursos que irá possibilitar ao doente e à família melhoria na autoestima e na capacidade de resolver problemas nos três níveis de competência do serviço social.

A prática do profissional assistente social tem o intuito de atender o paciente nos diversos aspectos que envolvem sua vida social, familiar e comunitária, uma vez que o trabalho do Serviço Social em Política Pública de Saúde, especialmente no tratamento de paciente em programa de hemodiálise, visa cada vez mais prestar atendimento integral, aprimorando as técnicas e processos de trabalho, possibilitando, assim, uma melhoria na qualidade de vida do paciente renal e de sua família.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A.M. O papel da saúde mental na qualidade de vida e sobrevida nos pacientes com insuficiência renal crônica. J Bras Nefrol 2003; 25: 209-14.
- BASTOS, Marcus G. et al. Doença renal crônica: problemas e soluções. Jornal Brasileiro de Nefrologia, São Paulo, v. 26, n. 4, dezembro de 2004. Disponível em: <<http://www.sbn.org.br/jbn>>. Acesso em: 30 ago. 2006.
- BARROS, Elvino et al. Nefrologia: rotinas, diagnóstico e tratamento. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BENNETT-JONES, David. Insuficiência Renal: prevenção e tratamento. Update: Revista de Educação Permanente em Clínico Geral, Lisboa: 2000 V.11, n.135, p 44-46.
- BUSATO, Otto. “Transplante Renal: aspectos emocionais”. In: MARTINS, Cyro e perspectiva da Relação Médico-Paciente. Porto Alegre: Artes Médicas, 1975. Hemodiálise – O que é?. Artigo ABC da Saúde, 2001. Revisão: 2003. Disponível em: <http://www.abcdasaude.com.br/artigo.php?224> - Acessado em: 24/11/2007
- CAMARGO, M. ET al. Os Processos de Trabalho do Assistente Social na Atenção Básica em S CARVALHO, I. M. P.; MELO R. L.; ANDRAUS, L. M. S. - Produção científica de enfermagem em nefrologia, no Brasil, no período de 1989 até 1999. Revista Eletrônica de Enfermagem (online), Goiânia, v.3, n.2, jul-dez. 2001. Disponível: <http://www.fen.ufg.br/revistaaude> Coletiva. Ciência e Praxis, v. 1, n. 2, 2008.
- CERVO, A.L.; P.A. Metodologia científica. 5 ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.48 p.
- CESARINO, C.B. CASAGRANDE, L.D.R. Paciente com insuficiência renal crônica em tratamento hemodialítico: atividade educativa do enfermeiro. Rev.latino-am.enfermagem, Ribeirão Preto, v. 6, n. 4, p. 31-40, outubro de 1998.

- COSTA, M.D.H. Trabalho nos serviços de saúde Insertados (as) Assistentes Sociais. Natal: UFPE, 1998. (Dissertação de Mestrado).
- DAUGIRDAS, J.T.; BLAKE, P.G. In TODD, S. Manual de Diálise. 3 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.
- DINIZ, D.P.; CARVALHAES, J. T.A. Equipes multiprofissionais em unidades de diálise: contribuição ao estudo da realidade brasileira. *Jornal Brasileiro de Nefrologia*, v. 24 n. 2, p. 88-96, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 10 março 2008.
- DYNIOWICZ, Ana Maria; ZANELLA, Eloísa; KOBUS, Luciana S. G., 2004. Disponível em: http://www.fen.ufg.br/revista/revista6_2/pdf/Orig7_narrativa.pdf. Acesso em: 24/11/2007.
- História da hemodiálise - Saúde Geriátrica. www.saudegeriatrica.com.br/medicina/saude/geriatria/.../publica17.html
- LAZZARETTI, C.T. Transplante Renal: Trajetória e reconstrução de identidade social. 222. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Programa de Pós Graduação em Sociologia, U15
- MENEZE, Cleovaldo Leite de; MAIA, Evanira Rodrigues; LIMA JÚNIOR, José Ferreira. O Impacto da Hemodiálise na vida dos portadores de Insuficiência Renal Crônica: uma análise a partir das necessidades humanas básicas. *Nursing (São Paulo)*, São Paulo, v.10, n.115, p.570-576, dez.2007.
- NOGUEIRA, Vera Maria Ribeiro; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Sistematização e avaliação das ações dos assistentes sociais no campo da saúde. In: MOTA, Ana Elizabete da et al. Serviço social e saúde: formação e trabalho profissional. Disponível em: <http://fnepas.org.br/pdf/servico_social_saude/inicio.htm>. Acesso em: maio 2010.
- OTERO MARTINEZ, Haydée e VERDES, Ma. Del Carmen. Atenção psicológica a pacientes com insuficiência renal crônica. *Revista Cubana de Psicologia*, 1990, vol. 7, n. 2, p. 105-108.
- PALHETA, L.A.S. O fazer profissional do assistente social e os portadores de insuficiência renal crônica: uma reflexão dos impactos psicossociais causados nos pacientes. [Monografia]. Universidade da Amazônia. Belém. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 20 abril de 2008.
- QUINTANA, Alberto M.; MULLER, Ana Cláudia. Da Saúde à Doença: representações sociais sobre a insuficiência renal crônica e o transplante renal. *Psicologia Argumento*, Curitiba, v.24, n.44, p.73 – 80 jan/mar, 2006.
- RESENDE, Marineia Crosara de; SANTOS, Francisco Assis dos; SOUZA, Melissa Macedo de e MARQUES, Thatianna Pereira. Atendimento psicológico a pacientes com insuficiência renal crônica: em busca de ajustamento psicológico. *Psicol. Clin.* [online]. 2007, vol.19, n.2, [citado 13 de outubro de 2009] p.87-99.
- RUDNICKI, Tânia. Sol de inverno: aspectos emocionais do paciente renal crônico. *Diversitas*, dez. 2006, vol.2, no. 2, p.279-288.
- SILVA, H. G.; SILVA, M. J. Motivações do paciente renal para a escolha a diálise peritoneal
- SMELTZER, Suzanne C.; BARE, Brenda G. Tratado de enfermagem médico-cirúrgica. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. Eletrônica de Enfermagem, v. 5, n. 1, p. 10-14, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 15 agosto 2007.
- THOMAS, Caroline Venzon e ALCHIERI, João Carlos. Qualidade de vida, depressão e características de personalidade em pacientes submetidos à hemodiálise. *Aval. psicol.*, jun. 2005, vol.4, n.1, p.57-64.
- VIEIRA, Cristina. A atuação do Serviço Social junto ao paciente renal crônico e sua família, 2006. Disponível em: <<http://www.jornalorebate.com/colunistas/cris6.htm>>. Acesso em 21 de julho de 2008.

O LEGADO FENÍCIO NA PRODUÇÃO DA CERÂMICA TRAVESSA
THE PHENICIAN LEGACY IN THE PRODUCTION OF CER MICA TARTESSO
EL LEGADO FÉNICO EN LA PRODUCCIÓN DE CER MICA TARTESIA

Matheus Donizete Lima

LIMA, Matheus Donizete. **O legado fenício na produção da cerâmica Travessa**. Revista International Integralize Scientific. Ed. 09, n.1, p. 20-30, março/2022, ISSN/2675-5203.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo geral a investigação e confirmação das prováveis influências fenícias nas técnicas de produção cerâmica travessas. Tendo como objetivos específicos a identificação das técnicas de investigação e critérios usados pelos arqueólogos para classificar os objetos cerâmicos de origem travessa. A metodologia utilizada na elaboração da coeva pesquisa é a qualitativa e as fontes utilizadas são artigos científicos publicados em revistas eletrônicas e textos publicados em sites relacionados ao tema. Foi realizado o levantamento bibliográfico, a revisão bibliográfica, investigação dos fatos e análise dos dados coletados. Os resultados alcançados por este trabalho mostram que houve um processo de aculturação da civilização travessa em relação a civilização fenícia que possibilitou o aprimoramento das técnicas de produção de artigos em cerâmica. Também foi constatado que além das tecnologias que vão desde os equipamentos até as técnicas de investigação utilizadas pelos arqueológicos para descobrir a composição dos objetos cerâmicos se faz necessário contrastar aspectos geológicos, históricos, geográficos e cronológicos que ajudam a esclarecer as origens destes objetos para no final do processo classificá-los como originários dos tartessos ou não.

Palavras-chave: Tartessos. Fenícios. Aculturação. Cerâmica. Arqueólogos.

ABSTRACT

This research has as its general objective the investigation and confirmation of the probable Phoenician influences on tartesso ceramic production techniques. It has as specific objectives the identification of the investigation techniques and criteria used by archaeologists to classify the ceramic objects of tartessa origin. The methodology used in the elaboration of this research is qualitative and the sources used are scientific articles published in electronic magazines and texts published in sites related to the theme. The bibliographical survey, literature review, investigation of the facts and analysis of the data collected were carried out. The results achieved by this work show that there was a process of acculturation of the Tartessian civilization in relation to the Phoenician civilization that enabled the improvement of the techniques of production of ceramic articles. It was also found that in addition to technologies ranging from equipment to the investigation techniques used by archaeologists to discover the composition of ceramic objects, it is necessary to contrast geological, historical, geographical and chronological aspects that help to clarify the origins of these objects in order to classify them as originating from the Tartessians or not.

Keywords: Tartessos. Phoenicians. Acculturation. Ceramics. Archaeologists.

ABSTRACTO

Esta investigación tiene como objetivo general indagar y confirmar las probables influencias fenicias en las técnicas de producción cerámica de Tartesias. Teniendo como objetivos específicos la identificación de técnicas y criterios de investigación utilizados por los arqueólogos para clasificar objetos cerámicos de origen Taressa. La metodología utilizada en la elaboración de la investigación contemporánea es cualitativa y las fuentes utilizadas son artículos científicos publicados en revistas electrónicas y textos publicados en sitios web relacionados con el tema. Se realizó levantamiento bibliográfico, revisión bibliográfica, investigación de los hechos y análisis de los datos recolectados. Los resultados alcanzados por este trabajo muestran que hubo un proceso de aculturación de la civilización Taressa en relación a la civilización fenicia que posibilitó la mejora de las técnicas de producción de artículos cerámicos. También se encontró que además de las tecnologías que van desde equipos hasta técnicas de investigación utilizadas por los arqueólogos para descubrir la composición de los objetos cerámicos, es necesario contrastar aspectos geológicos, históricos, geográficos y cronológicos que ayuden a esclarecer el origen de estos objetos para la final del proceso los clasifica como originarios de tartesias o no.

Palabras clave: Tartessos. fenicios. Aculturación. cerámica. Arqueólogos.

INTRODUÇÃO

Este trabalho almeja verificar as possíveis interações culturais entre os tartessos e fenícios com enfoque na produção de cerâmica. Visto a possibilidade de os tartessos terem assimilado técnicas de produção de cerâmicas fenícias que lhes permitiram o aprimoramento desta atividade artesanal.

Através das fontes utilizadas nesta pesquisa é possível notar as alterações de design e coloração das peças em cerâmica travessas que em comparação com as peças fenícias adquiriram certa similitude com o passar do tempo.

A pesquisa pretende responder às seguintes questões: em que medida o trabalho arqueológico ajuda na investigação sobre a cultura material travessa e possíveis influências fenícias e quais os fatores que são determinantes para identificar a produção de cerâmica originalmente travessa.

Para responder a problematização da pesquisa observa-se as seguintes hipóteses; o trabalho arqueológico é fundamental para analisar e identificar a composição dos objetos cerâmicos somado aos fatores geográficos, históricos e geológicos. A comparação das características da cerâmica fenícia com as cerâmicas travessas no que especialistas chamam de período orientalizante podem revelar as semelhanças e confirmar um legado fenício aos tartessos nesse sentido.

O objetivo geral do presente trabalho é investigar e confirmar possíveis influências fenícias na produção de cerâmica travessa. Os objetivos específicos consistem em identificar as técnicas de investigação e os critérios utilizados pelos arqueólogos para classificação dos objetos cerâmicos tartessos.

Este trabalho possui relevância por se tratar de um tema complexo com certa escassez de fontes e que traz informações valiosas para estudiosos do tema em questão. Podendo ser úteis para os estudantes de vários níveis escolares e para a sociedade como um todo de forma direta ou indireta.

A metodologia utilizada na confecção da pesquisa foi de abordagem qualitativa, havendo o levantamento bibliográfico, revisão bibliográfica e análise de dados tendo a investigação como linha mestra do trabalho. As fontes utilizadas foram textos publicados em sites relacionados ao tema e artigos científicos publicados em revistas eletrônicas.

DESENVOLVIMENTO

A arqueologia com a ajuda da historiografia nos revela a produção da cultura material travessa. No tocante a produção de artefatos em cerâmica é preciso identificar o que é realmente produzido pelos tartessos dentre outros povos, inclusive os fenícios que também produziam seus artefatos em cerâmica. Esta pesquisa através da investigação e análise se propõe a identificar possíveis diferenças entre artefatos em cerâmica travessa e fenícia.

Um paralelo dos artefatos cerâmicos entre tartessos e fenícios

Os Gregos e os fenícios, ambos produziam artigos em cerâmica assim como os tartessos e todos esses grupos que habitavam a Andaluzia ou regiões próximas.

No que concerne a olaria, temos evidências da presença grega na atual cidade de Huelva, tradicionalmente compreendida enquanto área tartésica. Arqueologicamente foram encontrados, em 1980, um conjunto cerâmico grego de período arcaico (6 taças, 1 cântaro, 3 tigelas, 1 cana, 1 enócoa, dentre jarras, ânforas, crateras, lamparinas e terracotas) na cidade de Huelva (essa que voltaremos a comentar posteriormente). (LIMA, 2018, p. 171).

Essas descobertas levaram os pesquisadores a crer nas atividades gregas na região. De início pensou-se em importações intermediadas pelos fenícios. “No entanto, o tom dessas produções chamou a atenção”. (LIMA, 2018, p. 172). A cor da cerâmica da região de Huelva levou os pesquisadores a desconfiança.

O que salta aos olhos sobre essa cerâmica é a tonalidade de sua pasta: de cor amarelo-esverdeada (Munsell entre 5Y7/2, 5Y7/3 e 5Y6/3), característica que causou estranheza por parte dos pesquisadores até ser comprovada por análises (difração por raio-X e ativação neutrônica) que se trata de uma produção realizada *in situ* dada a sua constituição mineralógica. (LIMA, 2018, p. 172, grifo do autor).

Como é percebido através da tecnologia é estabelecido parâmetros de comparação. Para Lima (2018, p.172), é preciso ter cautela ao analisar o povo Tartesso, pois, mesmo que tartessos seja uma versão grega em forma nativa não se pode afirmar que eles não sofreram influência fenícia. É através das fontes utilizadas no presente trabalho que será realizada a investigação de uma possível influência fenícia na produção da cerâmica travessa a partir daqui.

Es la faciès orientalizante, representada por la aparición de las primeras cerámicas a torno, en las necrópolis y poblados tartessos, que son consecuencia del impacto o influencia fenicia, que se inicia tanto en costas como en el interior, remontando los cauces fluviales. Suponen una aculturación de poblaciones indígenas, que arrinconan viejas técnicas de elaboración de cerámica a mano. Cronológicamente se extienden desde finales del VIII hasta una línea imprecisa de los siglos VII-VI a.C. (NEIRA; PALOMO; CONTRERAS, 1994, p. 33).

Analisando a citação acima percebe-se que os autores Neira *et al.*, (1994, p. 33) através de seus estudos afirmam que os tartessos sofreram influência fenícia na produção de cerâmica.

Figura 1-Cerâmicas fenícias



Fonte: Disponível em:

<http://virtualarchaeology.sardegna.cultura.it/index.php/es/yacimientos-arqueologicos/eta-fenicio-punica/area-arqueologica-di-monte-sirai/restos-arqueologicos/3016-ceramiche-fenicie-piu-antiche-3>. Acesso em: 22 dez. 2021.

Em Neira *et al.*, (1994, p. 33), a produção de cerâmica travessa é compreendida em três fases sendo elas fase 1: chamada de cultura do bronze final; fase 2: fases orientalizantes; fase 3: correspondente a cultura Ibérica.

Fase I. Cultura del Bronce Final. Se trata de materiales elaborados mediante la técnica del modelado del barro, con la que se obtienen cacharros de tipología diversa, si bien destacan los platos y fuentes de labio marcado mediante una arista o carena que sobresale en la parte media-alta del vaso. Las superficies, generalmente bruñidas antes de la cocción, suelen presentar brillo y tonalidad gris. Forman parte de ajuares difundidos por los tartessos poco antes de las colonizaciones fenicias y griegas en el Mediterráneo. Corresponden pues a un mundo indígena precolonial cuya área nuclear es Huelva y el Bajo Guadalquivir, es decir, el foco clásico de Tartessos. Comprenden los siglos IX al VIII a.C. (NEIRA; PALOMO; CONTRERAS, 1994, p. 33).

Vamos agora nos ater aos estudos demonstrados por Neira *et al.* (1994, p 34-35) que foram realizados nas seguintes regiões: [...] “al Hecho de Benamejé, las Laderas de Morana (en Lucena), Monturque y la Muela de Santaella, (todas de la provincia de Córdoba), y representan la variedad que supuso la Turdetania”. (NEIRA; PALOMO; CONTRERAS, 1994, p. 34).

Figura 2-Fragmentos de peças em cerâmicas proto-históricas



Fonte: (NEIRA; PALOMO; CONTRERAS, 1994, p. 35).

Na tabela abaixo está catalogado por fases a composição destes fragmentos cerâmicos por regiões.

Tabela 3-Composição dos fragmentos em cerâmica por localidades

Muestra	Fase	Situación	Descripción
91-5	III	Benateji	Heterogénea, poco porosa, granos visibles (cuarzo, feldespato, calcita), con nódulos de «barro» oscuros, con núcleo diferenciado. Ocre claro. Pintada.
91-6	III	Benateji	Homogénea, grano muy fino, sin diferenciación, granos de cuarzo y calcita escasos. Nódulos oscuros en superficie.
91-7	III	Lucma	Homogénea, porosa, granos de cuarzo (alguno idiomorfo), feldespato, mica y F.R., color rojizo. Sin diferenciación. Pintada a 2 colores.
91-8	I	Aguilar-Montq.	Heterogénea, porosa, con núcleo gris pardo diferenciado, granos de cuarzo. Parda oscura. Superficie pulida (en parte vitrificada).
91-9	I	Aguilar-Montq.	Heterogénea, muy porosa, núcleo diferenciado gris oscuro, granos finos de cuarzo y feldespato, superficie satinada.
91-10	I	Aguilar-Montq.	Heterogénea, poco porosa, grano fino (cuarzo, F. R., mica en exterior), suave diferenciación de bordes, color amarillento.
91-11	III	Montemque	Homogénea, poco porosa, grano fino (cuarzo, F. R., mica en exterior), suave diferenciación de bordes, color amarillento.
91-12	I	Aguilar-Montq.	Relativamente homogénea, diferenciada: núcleo gris oscuro, bordes pardo rojizo, pequeños poros, granos de cuarzo y F. R. Satinada y agrietada.
91-13	III	Santaella	Homogénea, microporosa, granos finos de cuarzo roto, sin bordes diferenciados, pintada. Color amarillo rojizo.
91-14	III	Santaella	Homogénea, microporosa, granos finos (cuarzo roto), sin diferenciar. Pintada. Amarillenta rojiza.
91-15	I	Santaella	Heterogénea, muy porosa, bastante granada (granos de F.R. y escaso cuarzo), con nódulos rojizos. Diferenciada: núcleo gris, bordes pardos. Satinada.
91-16	I	Aguilar-Montq.	Heterogénea, porosa, granada (pero de tamaño fino), con cuarzo y F.R., Diferenciada. Pintada y satinada.
91-17	I	Santaella	Heterogénea, muy porosa, con granos rodados de cuarzo y feldespatos, diferenciada, color gris. Dos diámetros de grano. Pintada, apenas pulida.
91-18	II	Santaella	Homogénea, granos finos de cuarzo y feldespato, microporosa, sin diferenciar, nódulos de óxido. Color ocre. Pintada en dos colores.
91-19	I	Huelva	Homogénea, porosa, con abundante cuarzo fino, diferenciada: bordes pardos, núcleo negro. Satinada.
91-20	I	Huelva	Homogénea, porosa, abundante cuarzo fino y roto, apenas diferenciada. Satinada.

Fonte: (NEIRA; PALOMO; CONTRERAS, 1994, p. 34).

Como pode ser observado na figura abaixo a tonalidade da cerâmica devido a presença do bronze nas peças possui cores diferentes das peças tradicionais produzidas somente em argila, feldspato, quartzo, silício entre outros em comparação com produção de outros povos. Cabe salientar para a melhor compreensão da produção de cerâmica dos povos localizados na Península Ibérica que a utilização do bronze e do ferro não está restrita a somente um povo como pode ser observado em Gamito (1990, p. 292). Ou seja, não eram somente os tartessos que produziam este tipo de cerâmica.

Embora as técnicas de decoração de efeitos brunidos sobre a superfície de vasos igualmente brunidos já se tivessem desenvolvido nas culturas de Golasecca e Hallstatt, e daí sido possivelmente transmitidas para outras zonas da Europa e chegado ao sudoeste peninsular, aqui apresentou outras características, nomeadamente nas formas dos vasos onde aparecem aplicadas. Nesse sentido, dever-se-á considerar que a origem deste tipo específico de cerâmicas congêneres de tipo hallstatt isso que penetraram pela mesma época na Península Ibérica, acompanhando outros fenômenos que então aqui também se observam, como é o caso de grande parte dos elementos decorativos das estrelas de tipo "Extremadura" [...]. (Gamito, 1990, p. 292).

De acordo com Gamito (1990, p. 292), ainda que as cerâmicas hallstatt dicas se assemelhavam com as produzidas pelos tartessos, havia elementos de diferenciação entre ambas. “De recordar ainda os desenhos geométricos-simples paralelas, losangos, triângulos, trapézios, efeitos de xadrez-que aparecem neste tipo de decoração [...]. (Gamito,1990, p. 292). Estas características são de diferentes influências, mas que segundo Gamito (1990, p. 292) foram classificadas como orientalizantes.

Figura 4-Jarro tartesso de Valderramas



Fonte: Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Jarro>. Acesso em: 22 dez.2021.

Fase II. Es la faciès orientalizante, representada por la aparición de las primeras cerámicas a torno, en las necrópolis y poblados tartessos, que son consecuencia del impacto o influencia fenicia, que se inicia tanto en costas como en el interior, remontando los cauces fluviales. Suponen una aculturación de poblaciones indígenas, que arrinconan viejas técnicas de elaboración de cerámica a mano. Cronológicamente se extienden desde finales del VIII hasta una línea imprecisa de los siglos VII-VI a.C. (NEIRA; PALOMO; CONTRERAS, 1994, p. 33).

Provavelmente os fenícios influenciaram outros povos na produção de cerâmica, porém a presente pesquisa se concentra nas nuances culturais entre tartessos e fenícios apenas. Pelo que se pode observar é que houve aprimorações na técnica da produção de cerâmicas travessas com a convivência com os fenícios.

Figura 5-Comparação da produção das cerâmicas Travessas



Fonte: Disponível em: https://es.wikipedia.org/wiki/Cer%C3%A1mica_tartesia. Acesso em: 22 dez. 2021.

A medida que a produção de cerâmica travessa passa a sofrer influência dos fenícios no chamado período orientalizante. As peças passam a ganhar formas e cores diferentes e principalmente os desenhos que ficam ainda mais parecidos com a cerâmica fenícia.

Não podemos deixar de mencionar estes exemplares da ourivesaria do Sudoeste peninsular pela importância que o fenômeno revela: são todas elas jóias de origem peninsular, isto é, o produto da manufatura de artífices peninsulares, por vezes usando técnicas complexas como as de granulação e filigrana, há pouco introduzidas na Península, mas ainda tocando, pela sua contemporaneidade, com os torques maciços atrás referidos, dos quais não possuímos quaisquer contextos seguros, sendo todos oriundos de depósitos ou tesouros escondidos há muito, ou encontrados e transacionados sem outras referências. (Gamito,1990, p. 292).

Figura 6-Jarros Tartésios



Fonte: (RAMOS *et al.*, 2004, p. 153).

É pertinente salientar que no tocante ao processo de interação comercial e cultural entre tartessos e fenícios que possibilitou o aprimoramento das técnicas na produção de cerâmica travessa. Que esse processo não ocorre pela imposição colonizadora fenícia e sim por interações “espontâneas”[2].

Observando a cronologia e o trabalho arqueológico desenvolvido nas regiões do sudoeste peninsular no que envolve o trabalho científico e o uso de técnicas e tecnologias é possível distinguir as características dos artefatos produzidos pelos tartessos conforme aponta Gamito (1990, p. 292-293).

Na verdade, mesmo que os torques maciços com decoração geométrica incisa possam ser considerados um pouco anteriores, prolongaram-se certamente, tal como a cerâmica, até ao século VI a.C. Aspecto que nos sugere os braceletes de Grândola, que, usando as técnicas de cera perdida e de granulação, apresentam os terminais em campânula como os torques de Sintra. Este momento terá correspondido também ao apogeu da cultura Tartéssica no Sudoeste peninsular. (GAMITO, 1990, p. 292-293).

A ourivesaria travessa ao contrário da cerâmica parece ter tido uma predominância maior se tratando de uma qualidade artesanal muito grande. No que as fontes indicam os tartessos eram pioneiros na produção de artigos de luxo em metais com destaque para o ouro por ser um material de fino acabamento, brilho e contornos sofisticados. Todos esses fatores reunidos somado às técnicas que mesmo para a época eram muito sofisticadas é que fazem do povo Tartesso grandes joalheiros e os tornam economicamente prósperos e comerciantes em potencial.

Não podemos deixar de salientar este aspecto: não só o estudo das cerâmicas nos permite dar um contexto cronológico mais preciso às jóias do Sudoeste peninsular, como estamos perante um fenômeno muito específico que se verifica nesta zona da Península Ibérica, refletindo uma intencionalidade no uso de elementos decorativos especiais que ocorrem sempre que se pensa em decorar algo. Essa coincidência corresponde por certo a uma identidade sociocultural muito específica, e que no nosso entender é já a que vemos, pela mesma época, designada por **Tartessos** pelos autores clássicos. (GAMITO, 1990, p. 293).

Figura 7-Colar de Sintra (1) e colares de Moura (2-4)



Fonte: (GAMITO, 1990, p. 293).

Como pode ser observado nas imagens acima é visivelmente perceptível que os tartessos possuíam altas habilidades se tratando das técnicas mineralógicas e de ourivesaria. Este domínio da fabricação de artigos em metais era o ponto crucial que dava aos tartessos o poder atrativo das relações comerciais inclusive com os fenícios; povo detentor de vários artigos de luxo e que eram cobiçados por vários povos, os quais possuíam relações comerciais.

Se por um lado os fenícios dominaram a arte de produção sofisticada da cerâmica, por outro os tartessos dominavam a arte da produção de joias. As cerâmicas que segundo Villaça *et al.* (2018, p. 56), foram predominantemente assumidas como fóssil-diretor da cultura travessa de forma consensual e que atualmente não é mais percebida assim, são as do “tipo Carambolo”.

As cerâmicas que designamos de “tipo Carambolo” correspondem a um número reduzido de pequenos fragmentos que ostentam a peculiar decoração pintada a vermelho. Essa classificação deve ser entendida em termos estritamente estilístico-decorativos, permanecendo em aberto a questão da sua origem de fabrico, assunto que, todavia, discutiremos adiante. (VILAÇA *et al.*, 2018, p. 56).

Estudos arqueológicos remontam a construção historiográfica no sentido de dar exclusividade aos artesãos na produção da cerâmica de Carambolo. As escavações realizadas entre os anos de 2002-2005 segundo Vilaça *et al.* (2018, p. 56), apontaram para a existência de um santuário fenício expresso dentro de um complexo de estruturas arquitetônicas com remodelações sucessivas.

Trata-se, evidentemente, de uma região distante e marginal, na geografia e nas problemáticas específicas, da zona nuclear desse tipo de cerâmicas, centrada no Baixo Guadalquivir. Distante e marginal, mas não desconexa, uma vez que são diversos os elementos arqueológicos que autorizam abordagens articuladas entre ambas as regiões, nas quais a presença do Mediterrâneo se fez sentir, embora com intensidades e contornos culturais claramente distintos, entre finais do II milênio a. C. e os primeiros séculos do seguinte (Vilaça 2008b; 2013a). Neste sentido, não cabe aqui qualquer discussão aprofundada sobre as questões inerentes a essa região andaluza nem, tão-pouco, uma análise global sobre esta categoria de cerâmica, que Carriazo denominou de “tipo Carambolo” (“classe 18”) pelos surpreendentes achados efectuados [...]. (VILAÇA *et al.*, 2018, p. 56).

Não desconsiderando a produção travessa das cerâmicas de Carambolo e levando em consideração os vestígios arqueológicos que identificam o santuário fenício na região da produção deste tipo de cerâmica. É possível realizar a análise de que os fenícios, como aponta Villaça *et al.* (2018, p. 56) influenciaram os tartessos na produção de cerâmica do tipo Carambolo. “A verdade é que Tartesso parece ser uma criação exo-étnica, de gregos e de romanos, projectada sobre uma realidade provavelmente muito diversificada, como já referiram muitos outros autores” [...]. (ARRUDA, 2013, p. 212). Mas, que sem dúvida foram marcados pela cultura fenícia em vários aspectos, inclusive na cultura material.

Na concepção de Caro Bellido (1989, p. 12) os tartessos passam pelo processo de colonização fenício, se orientaram e se aculturaram. Isso explica basicamente o enfoque que foi dado no presente trabalho com relação aos tartessos e fenícios.

La veintena de formas recogidas hablan de las fechas en que **Tartessos** se coloniza, se orientalizar, se cultiva. Hablan de la extensión geográfica del supuesto reino de las fuentes. Marcan las vías de penetración y las relaciones existentes entre tartesios y fenicios y entre los núcleos tartesios entre sí. Definen la evolución cultural y un sinnúmero de detalles básicos para comprender la cultura. (Caro Bellido, 1989, p. 12, grifo do autor).

No excerto acima percebe-se que o autor Caro Bellido se refere às interações culturais entre tartessos e fenícios como um processo de aculturação mencionando que houve uma evolução cultural dos tartessos nesse processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se tratando da produção da cerâmica travessa, o trabalho arqueológico com todas as tecnologias disponíveis que ajudam na identificação e classificação dos artefatos cerâmicos produzidos por esses povos é de fundamental importância para a montagem do “quebra-cabeças”. Obviamente o trabalho de descoberta da cultura material travessa não se restringe a arqueologia apenas, pois é um trabalho acima de tudo investigativo que engloba aspectos, históricos, geológicos, geográficos e cronológicos levando também em consideração a historiografia. Todos esses fatores juntos favorecem um trabalho arqueológico mais eficiente que fornece subsídios para a escrita da história travessa.

A presente pesquisa denota a influência que os fenícios exerceram na produção da cultura material dos tartessos no tocante a produção de artefatos em cerâmica. Com a convivência entre fenícios e tartessos os artefatos cerâmicos tartessos ao passar do tempo ganharam novos contornos desenhos e tonalidades que os estudiosos do tema denominam de orientalizador, o que alguns veem como um processo de aculturação que culminou no aprimoramento da produção cerâmica travessa. Já na produção de joias no que envolve a mineralogia e ourivesaria os tartessos aparecem na historiografia como excelentes ourives. Embora, seja pertinente um estudo em uma próxima oportunidade com o objetivo de identificar se os fenícios contribuíram para o aprimoramento das técnicas de ourivesaria travessa e em que medida contribuíram.

REFERÊNCIAS

- ARRUDA, A. M. Do que falamos quando falamos de tartessos. Tarteso: El emporio del metal, p. 211-222, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/10182/1/Arruda%202013.pdf>. Acesso em: 9 nov. 2021.
- CARO BELLIDO, A. Cerámica grisá torna tartesia. Universidad de Cádiz, 1989. Disponível em: <https://rodin.uca.es/handle/10498/25236>. Acesso em: 9 nov. 2021.
- DEAMOS, María Belén; MORILLO, María Carmen García; BOBILLO; Ana Rut; ROMÁN; Juan Manuel. Imaginería orientalizador en cerámica de Carmona (Sevilla). Huelva Arqueológica 20, in. Actas del III Congreso Español de Antiguo Oriente Próximo, Revista Huelva Arqueológica, n. 20, 2004. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/revista/669/A/2004>. Acesso em: 15 jan. 2021.
- DE LIMA, R. A. (Re) pensando tartessos: uma nova síntese bibliográfica entre a História e a Arqueologia. Perspectivas e Diálogos: Revista de História Social e Práticas de Ensino, v. 1, n. 2, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/nhipe/article/view/6068>. Acesso em: 9 nov. 2021.
- GAMITO, T. J. A cerâmica de retícula brunida do Castro dos Ratinhos (Moura). O Arqueólogo Português, p. 277-297, 1990. Disponível em: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/publicacoes/o_arqueologo_portugues/serie_4/volume_8_10/ceramica_reticula_brunida.pdf. Acesso em: 9 nov. 2021.

NEIRA, J. Barrios; PALOMO, JL López; CONTRERAS, L. Montealegre. Caracterização mineralógica e petroestrutural de cerâmicas proto históricas. Bol. Soc. Esp. Ceram. Vidro, v. 33, n. 1, p. 33-50, 1994. Disponível em: <http://boletines.secv.es/upload/199433033.pdf>. Acesso em: 9 nov. 2021.

SARDEGNA Virtual Archaeology. Restos Arqueológicos: cerâmica fenícia mais antiga. Disponível em: <http://virtualarchaeology.sardegnaecultura.it/index.php/es/yacimientos-arqueologicos/eta-fenicio-punica/area-archeologica-di-monte-sirai/restos-arqueologicos/3016-ceramiche-fenicie-piu-antiche-3>. Acesso em: 22 dez. 2021.

VILAÇA, R.; SOARES, I.; OSÓRIO, M.; GIL, F. Cerâmicas pintadas de tipo carambolo na Beira Interior (centro de Portugal). SPAL, v. 27, n. 2, p. 55-88, 2018. Disponível em: <https://idus.us.es/handle/11441/79452>. Acesso em: 9 nov. 2021.

Wikipédia. Tartesso. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Tartesso>. Acesso em: 22 dez. 2021.

Wikipédia. Cerámica tartesia. Disponível em: https://es.wikipedia.org/wiki/Cer%C3%A1mica_tartesia. Acesso em: 22 dez. 2021.

Wikipédia. Evolución y características. Disponível em: https://es.wikipedia.org/wiki/Cer%C3%A1mica_tartesia. Acesso em: 22 dez. 2021.

DESVENDANDO OS MISTÉRIOS DA ARQUITETURA TRAVESSA UNLOCKING THE MYSTERIES OF TARTESSO ARCHITECTURE DESBLOQUEANDO LOS MISTERIOS DE LA ARQUITECTURA DE TARTESIA

Matheus Donizete Lima

LIMA, Matheus Donizete. **Desvendando os mistérios da arquitetura Travessa**. Revista International Integralize Scientific. Ed. 09, n.1, p. 31-41, março/2022, ISSN/2675-5203.

RESUMO

A coeva pesquisa objetiva compreender e analisar a arquitetura travessa na Península Ibérica tendo como recorte geográfico a Andaluzia, local onde a sociedade travessa viveu por vários séculos. Concomitante com a arquitetura, estudar a cultura travessa, compreendê-la e analisá-la é consequência, lembrando que uma não é dissociável da outra. O método de pesquisa utilizado foi o qualitativo no que tange investigação e análise dos fatos históricos e arqueológicos, assim como a interpretação e análise da historiografia. As fontes utilizadas no presente trabalho foram: livros acadêmicos, textos publicados em sites de maior confiabilidade, artigos científicos publicados em revistas eletrônicas nas temáticas de história ou arqueologia. A escolha das fontes e a revisão bibliográfica foi propositalmente voltada para a influência que os Fenícios exerceram na arquitetura e na cultura travessa, porém durante o estudo foi possível identificar que outros povos também influenciaram e foram influenciados pelos Tartessos ao longo dos séculos. A comparação dos vestígios arqueológicos com as fontes escritas confirmar alguns fatos e contrapõe outros, a religião politeísta praticada pelos Fenícios também era praticada pelos Tartessos, porém os rituais parecem-nos ser diferentes, assim como a arquitetura dos templos construídos em memória dos deuses. Outro fator questionável é a sociedade ser composta apenas de índios ou nativos de forma unitária e homogênea.

Palavras-chave: Tartessos. Fenícios. Arquitetura. Península Ibérica. Andaluzia.

ABSTRACT

The current research aims to understand and analyze the Taressa architecture in the Iberian Peninsula, having Andalusia as a geographical cut, where the Taressa society lived for several centuries. Concomitant with architecture, studying the Taressa culture, understanding and analyzing it is a consequence, remembering that one cannot be dissociated from the other. The research method used was qualitative in terms of investigation and analysis of historical and archaeological facts, as well as the interpretation and analysis of historiography. The sources used in the present work were: academic books, texts published on more reliable websites, scientific articles published in electronic journals on the themes of history or archeology. The choice of sources and the bibliographic review was purposely focused on the influence that the Phoenicians exerted on architecture and on Tartessian culture, but during the study it was possible to identify that other peoples also influenced and were influenced by the Tartessians over the centuries. The comparison of archaeological remains with written sources confirms some facts and contrasts others. The polytheistic religion practiced by the Phoenicians was also practiced by the Tartessians, but the rituals seem to be different, as well as the architecture of the temples built in memory of the gods. Another questionable factor is that Taressa society is composed only of Indians or natives in a unitary and homogeneous way.

Keywords: Tartessos. Phoenicians. Architecture. Iberian Peninsula. Andalusia.

ABSTRACTO

La presente investigación tiene como objetivo comprender y analizar la arquitectura de Tareas en la Península Ibérica, teniendo como corte geográfico Andalucía, donde vivió la sociedad Taressa durante varios siglos. Concomitante con la arquitectura, estudiar la cultura Taressa, comprenderla y analizarla es una consecuencia, recordando que una no puede disociarse de la otra. El método de investigación utilizado fue cualitativo en cuanto a la investigación y análisis de hechos históricos y arqueológicos, así como la interpretación y análisis de la historiografía. Las fuentes utilizadas en el presente trabajo fueron: libros académicos, textos publicados en sitios web más confiables, artículos científicos publicados en revistas electrónicas sobre temas de historia o arqueología. La elección de las fuentes y la revisión bibliográfica se centró deliberadamente en la influencia que los fenicios ejercieron en la arquitectura y en la cultura tartésica, pero durante el estudio se pudo identificar que otros pueblos también influyeron y fueron influidos por los tartésicos a lo largo de los siglos. La comparación de restos arqueológicos con fuentes escritas confirma unos hechos y contrasta otros, la religión politeísta practicada por los fenicios también la practicaban los tartesios, pero los rituales parecen ser diferentes, así como la arquitectura de

los templos construidos en memoria de los Dioses. Otro factor cuestionable es que la sociedad de Taressa está compuesta únicamente por indios o nativos de manera unitaria y homogénea.

Palabras clave: Tartessos. fenícios. Arquitetura. Península Ibérica. Andalucía.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa aborda a temática; arquitetura travessa, traçando um paralelo com a arquitetura fenícia, porém levando em consideração os aspectos culturais de ambos os povos. A complexidade da sociedade travessa nos propõe vários desafios, os dois principais deles são referentes aos significados culturais presentes na arquitetura travessa em contraponto com a fenícia e as possíveis influências de outros povos na formação desta sociedade.

A problematização do presente trabalho segue as diretrizes de duas questões sendo elas as seguintes: é possível realizar a distinção da arquitetura travessa com a arquitetura fenícia? Os Tartessos conseguiram impor a seus vizinhos uma cultura hegemônica? Qual o papel da arqueologia na construção da historiografia travessa?

As expectativas de responder a problematização da pesquisa estão nas seguintes hipóteses: confrontação das fontes escritas com as descobertas arqueológicas para distinguir características culturais travessas ou fenícias presentes na arquitetura. Com relação a uma cultura hegemônica travessa a suposição é que não houve uma imposição cultural dominante e sim assimilações culturais entre povos, de maior ou menor grau. No tocante ao papel da arqueologia com relação a historiografia tartessa, supõem-se que ela exerce um papel essencial na comprovação factual ou de refutação e historiográfica.

O objetivo da pesquisa consiste em desvendar as características e as significações culturais e arquitetônicas travessas. A relevância do atual trabalho está na atualização historiográfica em consonância com os achados arqueológicos recentes e na contribuição aos estudiosos do tema em questão, trazendo novos subsídios históricos e arqueológicos aos membros de quaisquer sociedades que se interessam pelo assunto.

A pesquisa contou com uma metodologia qualitativa envolvendo levantamento bibliográfico, revisão bibliográfica, interpretação e análise dos dados, baseada em livros acadêmicos, artigos científicos publicados em revistas eletrônicas e textos publicados em sites relacionados ao tema abordado.

DESENVOLVIMENTO

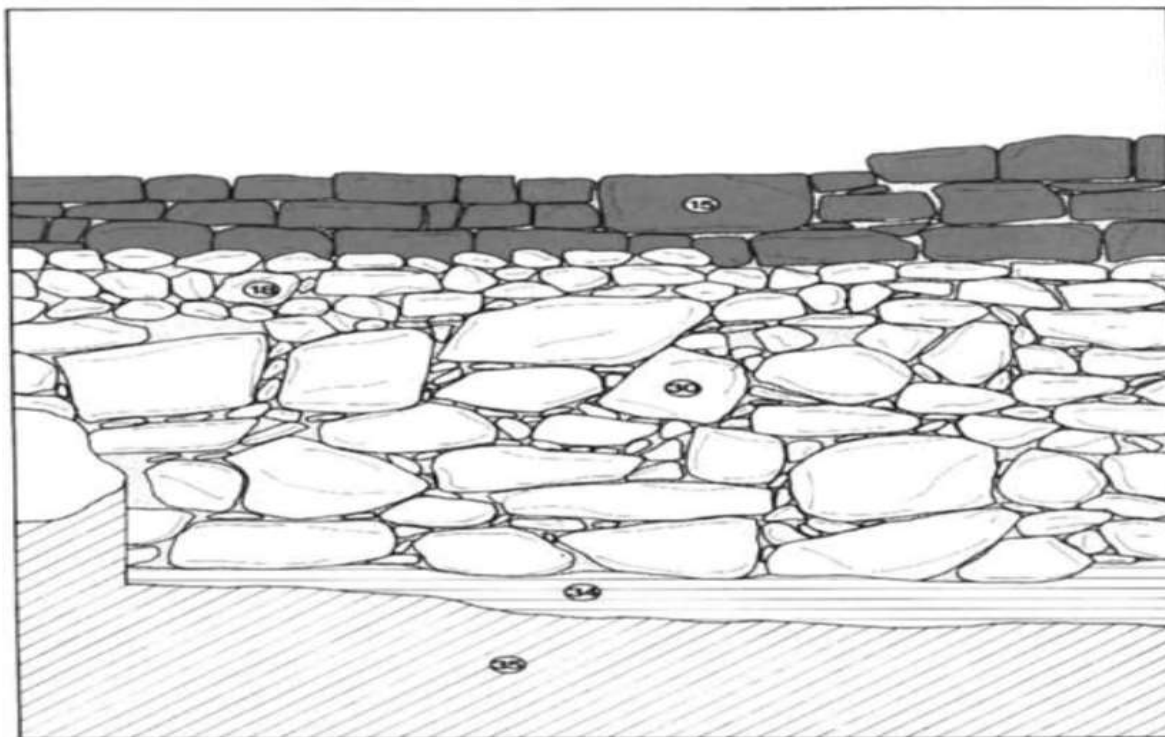
As fontes históricas e arqueológicas apontam que o povo fenício colonizou outros povos e que; segundo Carrasco (2002, p. 69), foram documentadas as muralhas no tempo e no espaço em que viveram os Tartessos, pois se tratava de fortificações erigidas por eles no baixo andaluz localizado na península ibérica, mais precisamente ao sul da Espanha onde é a Andaluzia.

Uma arquitetura carregada de significados

De acordo com Carrasco (2002, p. 69), os Tartessos sofrem influência fenícia visto que suas fortificações seguem o modelo fenício que foi introduzido naquela região a partir do século VIII a.C. e parte das premissas de que as muralhas se devem aos conflitos bélicos entre os

Tartessos e vários povos indígenas ou se são devidos às lutas e o processo de colonização fenícia com outros povos inclusive os de origem semita. [...] “Las tensiones entre las poblaciones residentes y esas comunidades semitas que al menos desde comienzos del siglo VIII a.C, o ya desde finales del IX, venían asentándose en el territorio”. (CARRASCO, 2002, p. 70).

Figura 1-Frente da parte interior da muralha da época tartésica.



Fonte: (CARRASCO, 2002, p. 83).

Nas muralhas da região costeira da Costa del Sol Carrasco (2002, p. 72) descarta a possibilidade de serem construídas pelos Fenícios pelo fato dos povos vizinhos terem incorporado a cultura fenícia e também defendê-la ao exemplo dos Toscanos. Ou seja, se não houvesse conflitos não teria sentido as construções das muralhas nesta região pelos Fenícios e sim pelos Tartessos. “Las perspectivas metodológicas con que este asunto se ha abordado constituyen un haz de múltiples cabos, tantos como tendencias teóricas ha conocido la arqueología de la Protohistoria meridional de la Península Ibérica”. (CARRASCO, 2002, p. 70).

[...] o a las tensiones entre las poblaciones residentes y esas comunidades semitas que al menos desde comienzos del siglo VIII a.C., o ya desde finales del IX, venían asentándose en el territorio'. En este sentido, la arqueología carece todavía de buenos métodos que permitan distinguir etnias distintas en un país que se supone ocupado al menos por dos grupos humanos bien diferenciados en sus correspondientes tradiciones culturales, y que, para algunas líneas de investigación, no habrían llegado a conocer fenómenos de fuerte mestizaje sino sólo comunidades mixtas. (CARRASCO, 2002, p. 70).

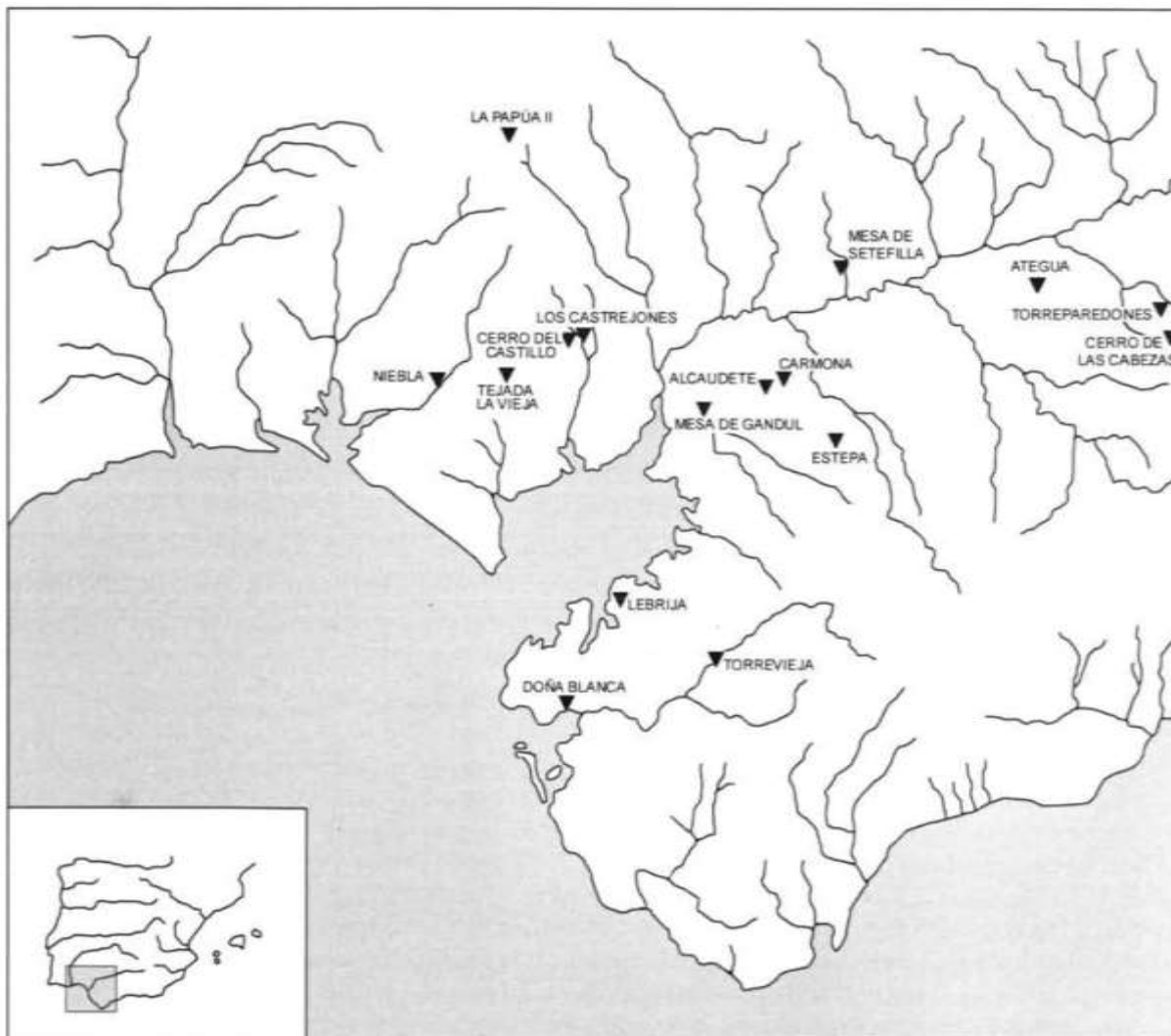
Como pode ser observado, a arquitetura tar essa é muito semelhante a arquitetura Fenícia considerando que no território de Andaluz outros povos também foram influenciados pelos Fenícios inclusive em seu processo arquitetônico. Por isso Carrasco (2002, p. 70), considera complexo classificar o que foi construído em termos arquitetônicos pelos Fenícios ou pelos Tartessos especificamente, podendo algumas construções terem sido erigidas ou complementadas por outros povos que viviam naquela região visto que viviam ali comunidades mistas de vários grupos indígenas.

Las murallas del ámbito tartésico, o las estructuras interpretadas como tales, pueden agruparse para su estudio en dos conjuntos atendiendo a su reparto geográfico: las del área nuclear y las de la periferia inmediata. Esta división es un simple recurso expositivo, y no una diferenciación que tenga que ver con sus aspectos arquitectónicos, tecnológicos o funcionales, y mucho menos con parcelaciones del territorio basadas en criterios étnicos o políticos. Es más, la distinción entre una región central y otra que la circunda dista mucho también de pretender el establecimiento de unas fronteras diáfanas y científicamente establecidas para esa cultura; intenta sólo poner cierto orden en el registro de sitios, y de paso contar con los datos procedentes de comarcas que la literatura arqueológica no considera genuinamente tartésicas. (CARRASCO, 2002, p. 71).

Para Carrasco (2002, p. 71), para identificar as construções tartessus se faz necessário um estudo aprofundado das localizações geográficas Ibéricas em que o povo Tartesso habitou desde o núcleo da Andaluza até as regiões periféricas, considerar a cultura desse povo, a cronologia, a diferenciação de aspectos arquitetônicos e funcionais e que mesmo assim Carrasco (2002, p. 71) relata que a literatura arqueológica não considera originalmente travessa.

Pueden incluirse en esta zona los testimonios de la depresión inferior del Guadalquivir y de sus comarcas inmediatas: las provincias de Cádiz, Huelva, Sevilla y Córdoba (fig. 1). Aunque algunas zonas de la de Málaga entrarían en este conjunto, de la parte más vinculada al Guadalquivir se desconocen lugares fortificados para esta época. Es el caso de la Depresión de Antequera, entre otros. Las murallas localizadas en los asentamientos litorales de la Costa del Sol (Toscanos por ejemplo) se excluyen precisamente porque nadie ha defendido para ellas otra atribución cultural que la fenicia. (CARRASCO, 2002, p. 72).

Figura 2- Mapa de fortificações fenícias



Fonte: (CARRASCO, 2002, p. 72).

De acordo com Gomes (2012, p. 8), ocorreu um processo de orientalização em grandes áreas do território português e enfatizou a instalação central e também as dos litorais do Sul que começaram a partir do séc. VIII a.C, e que originou a chegada dos povos originários da região mediterrânea ao Extremo Oriente. Esta imigração teve vários aspectos inseparáveis dessas populações que foram para Portugal e lá praticados e difundidos como: a arquitetura doméstica, funerária e cultural desses povos. Outras atividades também de âmbito profissional e cultural desenvolvidas são: as técnicas de moagem, as técnicas de construções, de produção de cerâmica e de redução do ferro. Gomes (2012, p. 8), assinala que houve alterações significativas na produção cultural em comparação do período que esses povos orientais chegaram com o período anterior à chegada dele em solo português, havendo rupturas com os modelos já existentes.

A associação de Tartessos a uma determinada cultura material, e a arquitecturas domésticas, funerárias e sacras, é hoje, portanto, relativamente questionável, havendo quem defenda que sob tal designação caberiam, sobretudo, as populações fenícias ocidentais. E, assim sendo, não é completamente seguro que santuários como os de Carambolo ou *Causar*, por exemplo, tenham sido erguidos por tartésios para aí cultuam divindades indígenas, como também não é indiscutível que esses mesmos tartéssicos se tenham sepultado nos cemitérios de urnas do vale do Guadalquivir. Ambas situações poderiam ter tido como protagonistas colonos fenícios, uma vez que estes não são obrigatoriamente uma entidade unívoca, que actua num único registo, concretamente o identificado nas colónias fenícias da costa de Málaga. (ALBUQUERQUE, 2010, p. 10).

Assim como Albuquerque (2010, p. 10), que abre a discussão sobre a cultura material tartessa e fenícia. Gorbea e Ortiz (2009, p. 113) relata que a colonização fenícia das costas meridionais da Península Ibérica trouxe uma discussão crítica no sentido de que a colonização das regiões atlânticas portuguesas, descoberta a algumas décadas depois, não tinha as mesmas características. Sendo assim, não poderia ser uma continuação da colonização fenícia.

Gorbea e Ortiz (2009, p. 113) menciona o caso de Medellín-Conistorgis e outros relacionados que pela semelhança levam a crer que os assentamentos e também outras descobertas sinalizam uma colonização travessa. Como veremos a seguir é possível através de elementos culturais parecidos, mas que não são idênticos é possível identificar as diferenças que a cultura material nos revela através da arqueologia.

Figura 3-Muralha fenícia em Tavira: Portugal



Fonte: Disponível em: <https://www.viaverde.pt/viagens-vantagens/dicas-de-viagens/artigos/tavira-arqueologica>. Acesso em: 21 set. 2021.

Esta cuestión exige comprender que el fenómeno colonial es un hecho complejo, polimorfo y progresivo, desde procesos exploratorios hasta asentamientos urbanos definitivos, lo que ofrece el riesgo de confundir unos tipos de procesos coloniales con otros y de simplificar hasta la deformación la visión sobre un proceso colonial determinado, que debe definirse a partir de sus propias características. (GORBEA; ORTIZ, 2009, p 114).

Para Gorbea e Ortiz (2009, p. 113), a colonização fenícia e a colonização tartessa podem ser identificadas separadamente por justamente possuírem características distintas. Porém, se nos atermos à questão da arquitetura utilizada nas fortificações mencionadas por Carrasco (2002, p. 72), o autor recorre a informações historiográficas e factuais para diferenciar as construções arquitetônicas das fortificações Tartessas das fenícias, não mencionando diferenças através da arqueologia, isso pode significar as semelhanças entre as características estruturais da arquitetura de ambos os povos, pelo menos no tocante a construção das muralhas.

Figura 4- Ruínas de Tartessos no atual parque de Doñana na Andaluzia



Fonte: Disponível em: <https://mercaba.es/articulos/tartessos.htm>. Acesso em: 21 set. 2021.

A escassez de imagens e documentos de imagens de muralhas Tartessas para a comparação e análise de semelhanças entre as construídas pelos Fenícios e as construídas pelos Tartessos dificulta a realização deste método, porém é possível identificar as semelhanças na arquitetura desses dois povos mesmo não sendo comparadas imagens arquitetônicas de mesma característica ou finalidade. Mas, as diferenças culturais refletem na arquitetura e neste sentido fica evidente as diferenças presentes na arquitetura de Fenícios e Tartessos.

Figura 5- Templo do deus dos fenícios; Eshmun, em Sidon no Líbano.



Fonte: <https://www.infoescola.com/civilizacoes-antigas/fenicios/>. Acesso em 21 set. 2021.

A imagem acima está inserida no contexto da religião politeísta dos fenícios, este local foi construído em homenagem ao deus Eshmun. Os Fenícios acreditavam que o sacrifício de animais aos deuses os agradavam e como consequência eram recompensados de alguma forma por eles. Pode-se perceber que a construção é em alto relevo inclusive o altar onde era realizado o sacrifício.

No caso dos Tartessos é possível observar uma construção mais bem elaborada e simétrica, porém de baixo relevo em formato de uma grade vala, mas com uma arquitetura mais simples. Segundo o site El País (2018, s/p.), a construção do edifício onde a realização dos sacrifícios de animais era realizada através das escavações com as técnicas de construção típicas dos Tartessos, contendo materiais como ardósia, e outros tipos de rochas, não se sabe ao certo se a construção foi realizada com a finalidade de agradar os Deuses e conseguir apoio e proteção deles, pois, eram também politeístas assim como os Fenícios. Mas, os arqueólogos e pesquisadores encontraram vestígios de aproximadamente 30 mortos dentro do local, de acordo com as informações do site El País (2018, s/p.).

HACE 2.500 AÑOS, muy cerca de lo que hoy es el municipio de Guareña, en Badajoz, los lugareños se reunieron en un enorme edificio de dos plantas para celebrar un banquete y una ceremonia ritual en la que sacrificaron decenas de valiosos animales. Después lo quemaron todo, lo sepultaron y lo abandonaron para siempre. Los últimos días de aquella insólita construcción, congelados en el tiempo gracias a la mezcla de las cenizas y arcilla que ha protegido sus restos todos estos siglos, pueden ser claves para entender la última etapa de Tartesos. (El País, 2018, s/p., grifo del autor).

Figura 6- Edifício Tartéssico



Fonte: Disponível em: https://elpais.com/elpais/2018/02/13/eps/1518539498_460221.html. Acesso em 21 set. 2021.

Já o site El Español, traz informações mais completas sobre o possível templo dos Tartessos que pode ser explicada pelas datas das publicações de ambos os sites e os avanços das escavações. A data da publicação das informações do site El País utilizadas no presente trabalho é de 21 de fevereiro de 2018. O site El Español tem data posterior em 13 de dezembro de 2020. Isso justifica as informações acrescentadas em comparação com o site El País.

Las últimas campañas de excavaciones —desde 2018 están paralizadas por las negociaciones de la Junta de Extremadura con los propietarios de la finca para su compra— se han centrado en ese patio, donde se ha identificado una hecatombe de animales. Los arqueólogos han hallado los restos de **52 caballos, cuatro vacas, cuatro cerdos y un perro**, algunos de ellos desmembrados y que pudieron ser consumidos durante el banquete ritual. **El análisis de los huesos**, que ayudará a resolver este interrogante, se publicará próximamente. "Sin duda, será una obra de referencia, pues hasta la fecha es **el sacrificio de animales más grande documentado en el Mediterráneo** y el primer estudio que aborda el conocimiento de una cabaña ganadera completa", destaca Esther Rodríguez, investigadora del CSIC. (BARREIRA, 2020, s/p., grifo do autor).

Com todo respeito ao trabalho arqueológico realizado no município da Espanha; Guareña, na província de Badajoz, embora que o trabalho e as investigações arqueológicas não estejam concluídos ainda, a hipótese do que os arqueólogos chamam de edifício, ser um templo voltado para os sacrifícios de animais aos deuses e de adoração a eles, ainda pode ser confirmada. Já que os Tartessos eram politeístas e tinham o costume de sacrificar animais em homenagem aos deuses nos quais acreditavam. Albuquerque (2013, p. 637) menciona que é fundamental compreender todo o processo histórico de Tartessos para perceber as limitações do conceito de sociedade tartésica.

É também fundamental para verificar que esta imagem arqueológica é, igualmente, uma representação feita a partir de um conjunto de critérios que procuram justificar o apriorismo de uma sociedade puramente indígena e diferenciada dos Fenícios, cuja essência se manteve ao longo de vários séculos. (ALBUQUERQUE, 2013, p. 637).

Albuquerque (2013, p. 637-638), através da problematização e análise das fontes coloca a identidade tartessa em xeque para aqueles que a descreve sendo uma sociedade puramente indígena com relação a sua formação étnica. Para Albuquerque (2013, p. 637-638), a sociedade tartessa sofre influência cultural grega e oriental, mas há possibilidade de isso poder ter se estendido para o campo biológico também.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração a complexidade da sociedade, é notório que a historiografia depende muito do trabalho dos arqueólogos. Os poucos vestígios arqueológicos encontrados em tempos remotos até a atualidade contribuem significativamente para a identificação da gênese tartessa.

O surgimento da sociedade tartessa na Península Ibérica e sua trajetória é marcada pelos contatos que tiveram com outros povos, dois deles são os gregos e os Fenícios. Porém, são vários os povos que os Tartessos conviveram, inclusive os orientais da região da Mesopotâmia.

Para identificar a arquitetura travessa e diferenciá-la dos demais povos a história necessita sem dúvida de documentos escritos, ou seja, fonte documental no sentido etimológico da frase, visto que este praticamente inexistente. A segunda opção é a cultura material produzida e, é aí que entra o trabalho dos arqueólogos sendo ele preponderante para reescrever a história Tartessa. A arquitetura tartessa sofreu influência fenícia, porém muito provavelmente também sofreu influência de outros povos assim como também influenciou outras culturas. Mas, mesmo que sejam escassos os documentos sobre Tartessos é possível identificar e diferenciar através dos aspectos da cultura imaterial associados a cultura material levando em consideração a historiografia, alguns poucos documentos escritos e os achados arqueológicos.

Através do método historiográfico adequado escolhido na construção de seja qual for a pesquisa sobre Tartessos é fundamental que o historiador leve em consideração as fontes mencionadas no presente trabalho. Sendo assim a pesquisa será desenvolvida com maior profundidade e credibilidade, pois pesquisar sobre a sociedade trata essa não é tarefa fácil, tendo como o maior obstáculo a sua complexidade e escassez documental.

REFERÊNCIAS

- ALL ABOUT SPAIN. Tartessos. Disponível em: <https://www.red2000.com/spain/primer/tartessos.html>. Acesso em: 21 set. 2021.
- ALMAGRO GORBEA, Martín; Mariano Torres Ortiz. La colonización de la costa atlántica de Portugal: ¿fenicios o tartesios?. *Palaeohispanica*. Revista sobre lenguas y culturas de la Hispania Antigua, n. 9, p. 113-142, 2009. Disponível em: <https://ifc.dpz.es/ojs/index.php/palaeohispanica/article/view/216>. Acesso em: 1 out. 2021.
- ALBUQUERQUE, Pedro Araújo. Tartessos: entre mitos e representações. *Cadernos da Uniarq*, v. 6, Lisboa: Uniarq/ Universidade de Lisboa. 2010. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/9854>. Acesso em: 1 out. 2021.
- ALBUQUERQUE, Pedro. Tartessos e Tartésios, de Esteícoro a Éforo, Lisboa, DPI Cromotipo – Oficina de Artes Gráficas, Lda. p. 633-639, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/10872>. Acesso em: 1 out. 2021.
- ARTÍCULOS DE MERCABÁ. Tartessos. Madrid, 2018. Disponível em: <https://mercaba.es/articulos/tartessos.htm>. Acesso em: 21 set. 2021.

ÉL PAÍS. El último misterio de Tartessos. 2018. Disponível em: https://elpais.com/elpais/2018/02/13/eps/1518539498_460221.html. Acesso em 21 set. 2021.

EL ESPAÑOL. BARREIRA, David. El enorme sacrificio de animales en Badajoz: el yacimiento tartésico con hallazgos únicos. Disponível em: https://www.lespanol.com/cultura/historia/20201213/enorme-sacrificio-animales-badajoz-yacimiento-tartesico-hallazgos/542697251_0.html. Acesso em: 25 set. 2021.

ESCACENA CARRASCO, José Luis. Murallas fenicias para Tartessos: un análisis darwinista. SPAL, 11, 69-105., 2002. Disponível em: https://idus.us.es/bitstream/handle/11441/12769/file_1.pdf?sequence=1. Acesso em: 1 out. 2021.

GOMES, Francisco João Bentes. Aspectos do sagrado na colonização fenícia. Contextos de culto de influência oriental na Idade do Ferro do Sul de Portugal (séculos VIII-III a.n.e). Cadernos da UNIARQ 8, Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/29327>. Acesso em: 1 out. 2021.

INFO ESCOLA. Fenícios. Disponível em: <https://www.infoescola.com/civilizacoes-antigas/fenicios/>. Acesso em 21 set. 2021.

VIA VERDE. Tavira arqueológica. 2016. Disponível em: <https://www.viaverde.pt/viagens-vantagens/dicas-de-viagens/artigos/tavira-arqueologica>. Acesso em: 21 set. 2021.



Publicação Mensal da INTEGRALIZE

Aceitam-se permutas com outros periódicos.

*Para obter exemplares da Revista impressa, entre em contato com a Editora Integralize pelo **(48) 99175-3510***

INTERNATIONAL INTEGRALIZE SCIENTIFIC

Florianópolis-SC

Rodovia SC 401, Bairro Saco Grande,

CEP 88032-005.

Telefone: (48) 99175-3510

<https://www.integralize.onlin>